

Das origens da análise mútua ao paradigma da mutualidade¹

From the origins of mutual analysis to the paradigm of mutuality

Marília Etienne Arreguy*

Daniel Kupermann**

Resumo

O presente artigo parte das controvérsias por conta da análise inconclusa de Sándor Ferenczi com Sigmund Freud e perpassa seu experimento de análise mútua como forma de lançar uma perspectiva e um estilo inovadores na clínica ligados à mutualidade, valorizando a influência desse conceito em um vasto campo da psicanálise, desde Donald Winnicott até o paradigma da psicanálise interpessoal norte-americana.

Palavras-chave: Mutualidade. Análise mútua. Psicanálise. Sándor Ferenczi.

Abstract

This article starts from the controversies surrounding Sándor Ferenczi's inconclusive analysis with Sigmund Freud and goes through his experiment of mutual analysis as a way of launching an innovative style and perspective in the clinic linked to mutuality, valuing the influence of this concept in a vast field of psychoanalysis, from Donald Winnicott to the paradigm of North American interpersonal psychoanalysis.

Keywords: Mutuality. Mutual analysis. Psychoanalysis. Sándor Ferenczi.

1. Este artigo é fruto de pesquisa pós-doutoral feita sob supervisão de Daniel Kupermann no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, de 01/03/2024 a 28/02/2025, em regime de licença subsidiada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

* Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Professora Associada IV - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense (UFF). Líder do Grupo Alteridade Psicanálise Educação - GAP(e)/UFF-CNPq. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. mariliaetienne@id.uff.br

** Professor Livre-Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil. danielkupermann@gmail.com

O presente texto se inspira na teorização de Sándor Ferenczi a respeito da mutualidade na escuta psicanalítica, em suas inovações técnicas e na força do acolhimento como forma de elaboração e reparação de traumatismos psíquicos e sociais.

Em contraposição à produção de processos de alienação e identificação com o agressor (FERENCZI, 1932/2011), movimentos psicanalíticos legítimos vêm se dedicando à escuta do trauma enquanto um evento real, norteados pela ideia de “soltar as línguas” (*Id., ibid.*), liberar o desejo e intervir de maneira engajada no acolhimento e testemunho de sofrimentos e violações vividas na relação com o outro, combatidas através de uma mutualidade do reconhecimento (ARON, 1996a). Buscamos subsídios na leitura de Sándor Ferenczi para lidar com traumatismos reais oriundos de conjunções intersubjetivas violentas, autoritárias ou, simplesmente, hipócritas. Para isso, damos ênfase à parte tardia de sua obra, desde a “virada de 1928” (cf. KUPERMANN, 2022) quando produziu inovações técnicas (FERENCZI, 1921/2011, 1926/2011, 1928/2011, 1930/2011, 1933/1990), culminando com o momento em que estabelece o conceito de “desmentido” (FERENCZI, 1931/2011).

O psicanalista húngaro se inspirou na fala de uma paciente a respeito da “elasticidade da técnica” (cf. BALINT, 1967/2011) e passou a experimentar e teorizar sobre essa tensão na relação terapêutica, de modo a incluir certa afetividade e inventividade na postura do analista. Ferenczi (1933/1990) também desenvolveu a controversa técnica da “análise mútua”, gerando muita polêmica. Redimensionados seus excessos, a noção de mutualidade teve influência sobre diversos autores – com destaque para Winnicott – e passou a ter um lugar, embora ainda hoje pouco conhecido teoricamente no Brasil, como proeminente paradigma para a escuta (KATZ, 1993; MENEZES, 1993; ARON, 1996, 1996a; REIS, 2023; CAMARA; HERZOG, 2023). O interesse pela mutualidade se inspira, assim, no percurso de Sándor Ferenczi, em suas inovações técnicas, na força da escuta cuidadosa e no potencial do acolhimento para a reparação de traumatismos intersubjetivos, e mesmo coletivos. Revisitaremos algumas circunstâncias da relação entre Freud e Ferenczi, bem como os experimentos ferenczianos sobre mutualidade, de modo a pensar sua pertinência hoje.

A demanda de mutualidade a partir da análise inacabada de Ferenczi

Ferenczi mencionara a Freud sobre sua nova técnica da análise mútua pela primeira vez em 1924, em carta de 18 de abril de 1925, a respeito do uso desse

procedimento com Elisabeth Severn (LESCOVAR, 2008, p. 31). Freud se manteve cauteloso a essa revelação, não recomendando que Ferenczi assumisse tal caminho até, finalmente, opor-se francamente à apresentação pública dessa nova técnica.

Freud rejeitara duramente a ideia da análise mútua proposta por Ferenczi para o Congresso de Wiesbaden de 1932, antes da apresentação de seu trabalho sobre a *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (FERENCZI, 1932/2011), causando profundo impacto em Ferenczi. No entanto, o pedido de Freud para Ferenczi não apresentar e abrir mão de suas ideias não fora suficiente para dissuadi-lo. Por mais que ele mesmo questionasse o alcance de seu experimento, manteve o propósito criando um estilo único de analisar, mesmo que não tenha sobrevivido para refinar seus conhecimentos acerca da importância da mutualidade no arcabouço analítico. Lescovar (2008) assevera, entretanto, que desde as correspondências entre Ferenczi e Groddeck já era possível mapear a existência de circunstâncias de mutualidade, por exemplo, na famosa viagem de Freud, Ferenczi e Jung aos Estados Unidos em 1909, em que trocaram entre si propostas de análises sobre seus sonhos, uma prática corriqueira e recíproca entre eles.

Ferenczi criou novas técnicas porque percebia que não havia sido analisado a fundo (ARON, 1998), tendo a “necessidade” de adotar a análise mútua como forma de compensar a inconclusão de sua própria análise, breve, com Freud – em dois períodos de apenas três semanas cada, em 1914 e 1916. Ferenczi (1933/1990) afirmava não ter podido ultrapassar a transferência negativa com Freud.

A investigação das *Correspondências entre Freud e Ferenczi* (apud RAGEN; ARON, 1993/2015; ARON, 1998) bem como do *Diário Clínico* (FERENCZI, 1933/1990) mostra que havia entre esses pensadores mais do que uma competitividade usual envolvendo mestre e discípulo. Em suas trocas, chegam a abordar a presença de impulsos homossexuais recalcados entre eles e uma demanda represada de amor da parte de Ferenczi para com Freud. Ferenczi queria discutir de igual para igual com Freud que, por sua vez, não declinava da posição paterna superior.

Enquanto Freud se protegia através do princípio de abstinência, mantendo-se numa postura neutra e mais estritamente ligada à escuta e à interpretação dos conteúdos inconscientes trazidos para a análise, Ferenczi criava novas possibilidades, retomava modos sugestivos de analisar, primava pelo princípio do relaxamento e de neocatarse (FERENCZI, 1930/2011), e, em suma, trabalhava com base no que ele denominou como “elasticidade da técnica” (FE-

RENCZI, 1928/2011), em que a sensibilidade do analista era crucial. Seus experimentos analíticos se davam num modo de imersão em que Ferenczi ficava completamente envolvido com as partes não analisadas de sua personalidade, evocando seus próprios anseios e traumas, como se pode observar no *Diário Clínico* (FERENCZI, 1933/1990).

Muito além da análise freudiana tradicional, composta pelo princípio de abstinência e pela análise da transferência e de suas resistências, Ferenczi cria novas práticas e técnicas com suas e seus pacientes. Seu primeiro experimento fora do quadro tradicional se referiu às tentativas de uso da “técnica ativa” (FERENCZI, 1921/2011), também experimentada por Freud (1918/1996), no caso do “homem dos lobos”. Tanto Freud quanto Ferenczi buscaram sair de impasses que impediam o bom andamento e o desenlace da análise, quando parecia haver uma estagnação do processo.

No entanto, havia uma série de “contraindicações ao uso da técnica ativa” (FERENCZI, 1926/2011), na medida em que o procedimento podia se tornar iatrogênico e o paciente tender a tornar-se obediente pela falta de paciência do analista (KUPERMANN, 2022). Por mais que pudesse haver benefícios pontuais com o uso da “técnica ativa”, é a temporalidade singular do inconsciente de cada um que vai determinar o ritmo e o tempo necessário para que uma análise possa prosseguir.

Ferenczi (1933/1990) demonstra sua postura cuidadosa ao salientar a importância do “tato” na relação analítica que implica a possibilidade de “sentir com” (*Mitfüllen*), traduzido no *Diário* por simpatia, mas também – e, principalmente – pela capacidade de “sentir dentro” (COELHO Jr., 2004; KUPERMANN, 2022), ou seja, de ter empatia (*Einführung*) para perceber a situação interna do outro a partir de uma percepção entrecruzada de inconscientes.

O auge das inovações técnicas ferenczianas se dá na análise mútua com suas pacientes, em compensação ao fato de não poder ter aprofundado sua análise com Freud. Com efeito, havia a demanda feita a Freud por parte de Ferenczi e a recusa de Freud de entrar em quaisquer propósitos de análise mútua, nem tampouco de retomar a análise de Ferenczi, impedindo-o de percorrer sua transferência negativa, conforme almejava (DUPONT *in* FERENCZI, 1933/1990; ARON, 1998).

Conforme Lewis Aron (1998), a origem do imbróglio entre eles se deu na viagem que fizeram juntos a Palermo em 1912, quando tiveram um estranhamento marcante, no momento em que Freud chamou Ferenczi para escreverem “juntos” sobre o caso Schreber. Tão logo se encontraram, no início da noite, Freud começou a ditar os conteúdos prontos para Ferenczi copiar. Fe-

erenczi reclamou da situação e disse que queria participar ativamente da escritura. Freud lhe indagou ironicamente se ele queria “escrever sozinho”, invertendo a queixa. Freud o dispensou, não encontrando mais com Ferenczi às noites e passando a escrever, efetivamente sozinho, o livro sobre as memórias de Schreber (FREUD, 1911/1996; ARON, 1998). Esse ressentimento parece nunca ter sido ultrapassado. Chegam a ser um pouco constrangedores alguns dos comentários pejorativos atribuídos a Freud no decorrer do *Diário Clínico* (FERENCZI, 1933/1990). Nessa escrita íntima e a princípio confidencial, Ferenczi revelou o desprezo que Freud sentia por certos pacientes e expressou sua revolta em relação à postura distante e inacessível do grande mestre.

As posições de mestre e discípulo – ou de amigos e parceiros – não eram tão flexíveis entre eles, de modo que Ferenczi frequentemente caía para uma posição inferiorizada (ARON, 1998), da qual francamente se ressentia no *Diário* (FERENCZI, 1933/1990). Ferenczi tratava de reivindicar algo que não pudera gozar na sua análise preliminar, curta e infinda com Freud: a honestidade do analista, exigência que postula no início de seu *Diário Clínico* (FERENCZI, 1933/1990) e que pode ser grafada como pedra angular da mutualidade na análise ferencziana.

Freud menosprezara assim a tentativa de Ferenczi de se colocar como um parceiro e não como discípulo, mantendo sempre certa superioridade de mestre. Embora nunca tenham se afastado totalmente, esse foi um abalo numa amizade e parceria que perdurou até o fim da vida de Ferenczi, falecido prematuramente de uma anemia perniciosa aos 60 anos, em 1933. Acima das divergências pessoais entre ambos, o que está em questão são duas formas legítimas, porém distintas, de conceber e executar a própria psicanálise (ARON, 1998). Devido às suas críticas a Freud, passou a ser muito importante para Ferenczi a questão da análise do analista, preocupando-se com a sua própria. Somente um analista bem analisado e atento para suas próprias resistências seria capaz de instaurar um ambiente de confiança. Com efeito, a transição de modos compulsivos, automáticos, inconscientes a modos reflexivos, elaborativos, elucidativos só pode se dar numa relação afetiva de confiança (e não apenas intelectual) com o analista (PIZZINGA; ARÁN, 2009).

A mutualidade no Diário Clínico de Sándor Ferenczi

Ferenczi (1933/1990) inicia o seu Diário recriminando a “insensibilidade do analista” e recomendando que se pudesse buscar maior naturalidade e ho-

nestidade nas relações terapêuticas. Sua crítica é um esboço das discordâncias que tinha em relação a Freud. Refere-se à “atenção flutuante” como uma impossibilidade do analista, produtora de incompreensão por parte do analisando. A atenção flutuante poderia ser percebida como uma forma de desatenção e desinteresse.

Ferenczi (1933/1990) também admite perceber em si mesmo algumas indisponibilidades para com seus analisandos, certas antipatias e aspectos contratransferenciais que porventura poderiam dificultar o processo analítico. Assim como ele almejava a honestidade de seu próprio (ex)analista, Ferenczi percebia também uma demanda subliminar em seus analisandos, quando pareciam em busca de descobrir os afetos dissimulados do analista ou, mais especificamente, queriam saber quais julgamentos e sentimentos o analista nutria por eles. Essa inconsistência entre o que o analisando percebe da parte do analista e o que este podia afirmar acabava coartando o processo. A análise-mútua teve efeitos justamente em tentar sanar essa incongruência entre o que o analisando sente e o que o analista é capaz de confirmar, do ponto de vista da reciprocidade de seus afetos.

Em diversas situações Sándor Ferenczi (1933/1990) menciona o termo mutualidade em seu *Diário Clínico*, ligando-o aos experimentos referidos propriamente à análise mútua. Tratava-se da “inovação” técnica empregada entre ele e algumas de suas “pacientes favoritas” (MONTCLOS, 2020) de se estabelecer uma reciprocidade na análise, ou seja, ao mesmo tempo em que as analisava também se fazia analisar por elas como forma de encontrar um núcleo traumático percebido em comum. Segundo Ferenczi (1933/1990), a reciprocidade dada no encontro passou a ter o efeito de reconstituição da realidade do trauma. Ao se mergulhar na regressão e no relaxamento para se resgatar o trauma era possível aceder ao estatuto de verdade do acontecido infantil, algo passível de ser vivido em mutualidade pelo reconhecimento da vulnerabilidade partilhada na dupla.

A prática da análise mútua permitiu que Ferenczi também fosse ouvido e usufruísse da escuta dessas pacientes, sobretudo de Elisabeth Severn e de Clara Thompson, que também eram terapeutas. Tratava-se de pacientes profundamente traumatizadas que faziam com ele, concomitantemente, uma análise-didática. É curioso notar que em entrevistas dadas por elas a Kurt Eisler (cf. BRENNAN, 2015; RUDNYTSKY, 2015), ambas disseram ter alcançado bons resultados após suas análises com Ferenczi; ambas encontraram sucesso profissional posteriormente aos tratamentos; ambas reconheceram publicamente a grande importância da presença de Ferenczi em suas vidas e formações (*Id.*, *ibid.*).

O experimento da análise-mútua propriamente dito se iniciou quando Elisabeth Severn, a paciente denominada no Diário como “R.N.”, exigiu que Ferenczi também se submetesse aos procedimentos analíticos e falasse de seus complexos inconscientes para ela, inclusive revelando o que ele sentia a respeito dela. R.N também era analista e fez sua análise durante cerca de 8 anos com Ferenczi, tendo se mudado dos Estados Unidos para Budapeste com esse objetivo, levando seus pacientes consigo (RUDNYTSKY, 2015).

Ambos iniciaram a aventura da análise mútua em meados da década de 1924, quando cada um fazia uma sessão alternada para si, de modo que também Ferenczi pudesse regredir e lembrar de traumas infantis, com destaque para o resgate de memórias traumáticas vividas com sua mãe e com sua babá. Ferenczi interpretou que a experiência traumática com a figura feminina o colocara em uma forma substitutiva de hostilidade contra as mulheres na vida cotidiana; algo que ele tinha dificuldade de disfarçar das pacientes.

Havia a contradição de uma amabilidade expressa em sua atitude muito aberta, gentil e, atenciosa com as mulheres, em geral, e com suas pacientes, em específico, que contudo escondia um sentimento de raiva e aversão às mulheres. Nutria sentimentos de antipatia por Elisabeth Severn, embora tenha sido ela a quem elegeu como principal depositária de sua confiança na análise mútua. Já Clara Thompson – Dm. no *Diário* – também lhe causava certo mal-estar por seus modos invasivos, inclusive por exalar um odor malcheiroso (FERENCZI, 1933/1990).

O investimento de Ferenczi na análise-mútua com Severn, por sua vez, era muito mais intenso do que com Clara Thompson, chegando até a momentos de devoção. Enquanto Ferenczi levava E. Severn para passar férias com sua família e chegava a ficar horas a fio com a paciente, ele tinha menos disponibilidade para com Clara, que parecia ter ciúme da outra. Segundo Brennan (2015), era da natureza de Clara Thompson se envolver em triangulações, gerando algum mal-estar por seus ímpetos intrusivos.

Já com Elisabeth Severn houve um mergulho intenso em traumas inconscientes através da repetição até o auge da restauração, em estado de transe, de situações traumáticas demasiadamente graves como as cenas de abuso sexual vividas por ela com a figura paterna na infância. Foi a partir da regressão e do princípio de relaxamento que houve a recuperação de memórias dos traumas de Severn. Paralelamente, Ferenczi também se humanizava ao descobrir seus traumas com figuras femininas. Ambos podiam então usufruir da reciprocidade de seus sofrimentos e vulnerabilidades de modo a reconhecer mutuamente a realidade daquilo que haviam vivido.

Ferenczi descreve no *Diário Clínico* desde as etapas sucessivas de encontro com o trauma, reportando como ele acompanhava a entrada em transe, até à fragmentação e o recurso inconsciente a *Orpha*, representada por um resgate delirante após a fragmentação e atomização traumáticas. O recurso a *Orpha* representaria a *loucura no lugar da morte*. Nas suas palavras:

(...) após a perda ou o abandono do pensamento consciente, instintos vitais organizadores (ORPHA) são despertados, trazendo a loucura ao invés da morte. (Essas mesmas forças “órficas” parecem já terem estado presentes na época do primeiro choque.) O resultado do segundo choque é um novo “desmembramento” da individualidade. (FERENCZI, 1990, p. 40).

O recurso a *Orpha* se daria para evitar um completo estado de abandono em que o próprio ser produz um resgate delirante de si mesmo. A assunção a esse estado órfico chama atenção no cuidado de R.N.. Primeiro Ferenczi tentou a técnica da indulgência e da elasticidade, colocando-se totalmente disponível para as demandas da paciente, depois a regressão profunda com entrada em transe e, finalmente, lançou mão da análise mútua. Nesse percurso pode reconhecer o mal-estar que sentia nos atendimentos. Assumir a verdade desafetada de seus sentimentos “dóceis” e poder falar sobre seu cansaço e desgaste com os atendimentos profusos e sucessivos a R.N. permitiu que a paciente tivesse acesso à sinceridade do analista, com a recuperação de uma aura de confiança, quebrada pela impossibilidade de escamotear suas fragilidades inconscientes.

Cabe ressaltar que Elisabeth Severn passava por dificuldades financeiras, então, Ferenczi a analisava gratuitamente. Parece que, de alguma forma, a análise-mútua com R.N. veio a compensar tamanha dedicação e, também, a falta de conclusão da análise de Ferenczi com Freud.

A análise mútua acabou sendo, portanto, um último recurso para lidar com as falhas na análise do analista, isto é, com suas dificuldades em assumir a verdade de seus sentimentos (*Affekt*) em relação à paciente. Na análise mútua, Ferenczi via-se mais livre para falar de aspectos desagradáveis de natureza estética, mencionar coisas pejorativas que circulavam sobre a(s) analisanda(s), enfim, podia tocar em assuntos tabus, mas, principalmente, podia assumir uma postura mais verdadeira diante da falta de disponibilidade interna ressentida pelas pacientes (FERENCZI, 1933/1990). Com a análise mútua era possível analisar certas zonas de sombra e, de alguma forma, as suas pacientes demandavam aquilo que ele também reclamava de seu ex-analista Freud: sinceridade e honestidade.

A passagem de extratos de sessões no *Diário Clínico* mostra como, sucessivamente, Ferenczi transitava de uma abordagem a outra na análise de Elisa-

beth Severn, tentando desde a técnica ativa até alcançar a entrada em camadas profundas de transe via relaxamento e repetição seguida de reconstrução de cenas traumáticas infantis. A etapa crucial se deu quando Ferenczi mudou de postura e reconheceu diante dela que ele se incomodava com aquelas sessões intermináveis, em que receava deixar a paciente sozinha em estado de fragmentação e atomização do espírito. No momento em que revelou sua hostilidade em relação à paciente, finalmente, houve a entrada em outro estado, então de confiança mútua, já que o analista pudera assumir sua posição mais verdadeira na relação analítica, fornecendo um importante parâmetro para a paciente se guiar na cura. Mesmo diante do transbordamento da relação analítica, borrando de certo modo a relação entre público e privado, houve progressos nos encontros de análise mútua com Severn.

Contudo, havia uma série de entraves ao se adotar a inusitada técnica: não era possível replicar o experimento com todos os pacientes sem que houvesse o risco de que todos passassem a saber da vida e intimidade uns dos outros; havia a necessidade de detectar e respeitar a sensibilidade de cada paciente, o que poderia não ser fácil; não se poderia ultrapassar o nível da necessidade estrita do analisando; a análise mútua só deveria iniciar após o fim da análise do paciente, pois o maior risco seria o paciente desviar-se de si para mergulhar nos complexos paranoides do analista. (cf. DUPONT, p. 22 *in* FERENCZI, 1933/1990). Ferenczi estava, portanto, atento para a incomensurabilidade de se efetuar análises-mútuas, reconhecendo que esse procedimento era arriscado e podia desvirtuar os objetivos da análise, que poderiam se voltar excessivamente à análise do analista.

Com alguns avanços e certo pesar sobre sua saúde, Ferenczi de alguma maneira acabou preparando as terapeutas com quem se aventurou em análises-mútuas para não só enfrentarem seus próprios traumas, mas também para que pudessem ter mais propriedade em seus destinos como analistas e escritoras. Elisabeth Severn chegou a escrever seu terceiro livro – *The discovery of the self* – em que relata sua experiência com Ferenczi (RUDNYTSKY, 2015). Clara Thompson, por sua vez, deixou um legado de mais de 30 livros publicados (BRENNAN, 2015).

O valor da mutualidade no acolhimento psicanalítico

No prefácio de Judith Dupont ao *Diário Clínico*, há uma síntese dos princípios da análise mútua:

A técnica da análise mútua baseia-se na ideia de que onde o analista é incapaz de oferecer ao seu paciente um amparo idôneo deverá pelo menos fornecer-lhes pontos de referência; expondo ao paciente suas próprias fraquezas e sentimentos com toda sinceridade de que for capaz, o analista permite-lhe saber com o que pode contar; mesmo que o paciente seja assim obrigado a ouvir e a integrar algumas realidades penosas, convive melhor com isso do que com uma amabilidade fingida (DUPONT, p. 21 in FERENCZI, 1933/1990).

A análise mútua, de toda forma, deve ser considerada diferente da noção mais contemporânea de mutualidade, que se distancia dos extremos vividos por Ferenczi, ao se colocar em pé de igualdade com o que ele mesmo denominou de “paciente seguramente perigosa” (FERENCZI, 1933/1990), ao se referir a Elisabeth Severn. Apesar dos limites ultrapassados por ele, sobretudo ao assumir tamanha simetria de poder com as pacientes, esses experimentos trouxeram um avanço para a compreensão do tratamento, que passou a incluir o inconsciente do analista como objeto *sine qua non* de análise e intervenção no processo terapêutico.

A mutualidade como vista hoje se refere às possibilidades de trocas pontuais, pequenos “*disclosures*”², revelações sobre os afetos do analista para além da pura análise da contratransferência. Com diferentes nuances, a mutualidade diz respeito a apresentações conscientes de percepções acerca do inconsciente do analista, as quais devem compor a narratividade do encontro com o analisando apenas em situações em que venham a produzir efeitos necessários ao encontro terapêutico. A apresentação de um afeto do analista se volta àquilo que insiste como incompatibilidade ou obscuridade na relação com paciente dentro do contexto analítico, portanto, àquilo que emperra quanto à circulação da palavra. O analista deve estar atento para o que ressona do analisando, caso seja necessário comunicar esse afeto. Essa relação é percebida conjuntamente no encontro, jamais de forma autoritária, fria ou estritamente racionalista. Esse campo de afetos mútuos deve ser experimentado e explicitado, ainda que de forma muito cuidadosa. Reis (2023) afirma a importância dessa abertura para a experimentação da mutualidade, contanto que seja preservado um valioso parâmetro de *prudência*. A possibilidade de um trabalho psíquico mútuo, em que o analista possa se colocar de

2. Quando o analista revela algo de sua subjetividade, conta um breve fato ou algo da vida cotidiana ou que percebe de seu inconsciente e que esteja relacionado com o contexto do encontro com o analisando.

maneira honesta, com prudência e tato requer uma sintonia franca em que se possa estabelecer um ambiente de confiança e igualdade. Entretanto, diversos autores consideram que a reciprocidade da mutualidade não implica a perda de assimetria entre as partes (HAYNAL, 1996, 2014, 2018; KATZ, 1993; ARON, 1996a; PEÑA, 1996).

A realidade é que a “análise mútua” tornou-se o protótipo de uma forma característica de se colocar no vínculo com analisandos, de modo a buscar a sinceridade e a verdade, permitindo também certa expressividade ao analista. Embora possa-se considerar em parte como fracassada a empreitada de Ferenczi na análise mútua (RAGEN; ARON, 1993/2015; MARODA, 1998), algo de seus princípios ainda permanecem em nossos dias. Segundo Lescovar (2008, p. 7):

(...) estudiosos retornam à controvertida “análise-mútua” como forma de reconhecer o espírito inovador de Ferenczi, e que centra incisivamente o trabalho analítico sobre a factualidade dos fenômenos traumáticos, sobre a importância da experiência de mutualidade na prática clínica, e da inevitável instrumentalização da transferência em contínuo diálogo com a contratransferência da parte do analista.

A mutualidade se destacou da análise mútua e se tornou, de alguma forma, um novo paradigma para a psicanálise, sobretudo com a perspectiva da *two person psychology* (ARON, 1996; FRIEDMAN, 1996; BERMAN, 1997; ESPINOSA *et al.*, 2005) em que se critica a limitação de uma análise unidirecional, pois os aspectos inconscientes do analista fazem parte e transformam o enquadre, cuja emergência produz um rol de afetações sobre o analisando e, reciprocamente, o inconsciente do analisando afeta e transforma o analista. Emerge no encontro clínico algo como um “terceiro analítico”, segundo Ogden (1994/1996), ou seja, um campo intersubjetivo típico da interação entre analista e analisando que vai além da soma das subjetividades distintas, formando um enlace de afetações mútuas, composto pelo inconsciente enquanto terceiro elemento aglutinador.

Ao passo que a intersubjetividade demarcaria mais as diferenças dessa interpenetração bidirecional, a mutualidade se sustentaria mais na reciprocidade dos afetos percebidos entre as partes da dupla analítica (BERMAN, 1997). A mutualidade, entretanto, não representa uma igualdade total da afetação, uma vez que diversos autores recomendam a preservação de uma assimetria inerente à relação entre analista e analisando (MARODA, 1998; ARON, 1996;

HOFFER, 1996; ILANALAOR, 2008). Por outro lado, haveria certa possibilidade de simetria no encontro, ao menos em alguns momentos, na medida em que se considera a “análise de duas crianças”, conforme aparece no *Diário* (FERENCZI, 1990). A simetria é acentuada por autores que advogam por certa horizontalidade na clínica, como Hadar (1998) e Hirsch (2016) e, ainda, na possibilidade de o analista transitar para uma posição de amicalidade, como denota Oliveira (2012).

Em seu livro *Por que Ferenczi?* Kupermann (2022) acentua a criatividade ferencziana com o princípio de neocatarse e a análise pelo jogo, ressaltando a importância das inovações clínicas de Ferenczi. “De fato”, comenta o autor, “uma passagem sutil de Freud indica que a perlaboração implica “um trabalho em conjunto com o analisando”. Porém como entender o sentido de um trabalho analítico em conjunto? (p. 49)” Pensamos que também a mutualidade é uma dessas formas de se pensar a análise em conjunto, para além de um enquadre analítico tradicional.

Com a influência do pensamento ferencziano, Winnicott apresenta uma das formas de se pensar a mutualidade através da clínica das relações objetais, ressaltando o paradigma mãe-bebê. Winnicott bebeu na fonte das intuições ferenczianas assim como acabou levando adiante um arcabouço em que a mutualidade é uma forma de se abordar o encontro terapêutico. A mãe, pensada como protótipo da relação analítica, teria a função de acolher o bebê no mundo, provendo-o de um ambiente suficientemente bom (WINNICOTT, 1971/1975). Ela seria responsável por antecipar as demandas do *infans*, interagindo de modo a interpretar aquilo que o bebê quer ou precisa num determinado momento, cumprindo desse modo com a função de apresentar na realidade aquele objeto ou ação capaz de apaziguar as pulsões infantis. A atenção quase perfeita da mãe aos anseios infantis logo no início do desenvolvimento psíquico promove o encontro com a fantasia infantil. Ou seja, no momento em que o bebê cria a ilusão de um objeto a mãe materializa esse objeto, em primeira instância, o seio, diante do bebê. Desse modo, é como se o bebê fosse capaz de criar a realidade em acordo com a onipotência imaginária infantil. Esse seria o protótipo da mutualidade em que mãe e bebê se complementam na construção conjunta da realidade.

Segundo Wolf & Antonis, numa releitura de Enid Balint: “A capacidade para a mutualidade advém de uma maternidade suficientemente boa, a experiência a partir da qual o eu da criança cresce e é a base para a vida criativa. Além disso: a preocupação mútua é a primeira qualidade verdadeiramente fe-

minina” (BALINT 1968/1993 *apud* WOLF; ANTONIS, 2023, p. 156)³. Para além de uma perspectiva de gênero, a feminilidade inerente a maternagem pode ser estendida a homens que assumem o papel de cuidar, em que a posição do analista não obstruiria sua possibilidade de afetar e ser afetado pelo outro, ajustando a ação de forma a haver uma reciprocidade mútua. A experiência da mutualidade garantiria a consolidação da percepção da realidade. Segundo Montagna (2010): “A mutualidade é também um termo utilizado por ele [Winnicott] para descrever uma relação recíproca entre duas pessoas, neste caso [da relação mãe-bebê], assimétrica (p. 130)”⁴. A primeira forma de mutualidade, das “relações de objeto”, se coaduna com o conceito de *mutualidade recíproca*, ao passo que em relações mais maduras em que é possível o “uso de objeto” (WINNICOTT, 1971/1975), haveria *mutualidade de reconhecimento*, conforme ARON (1996).

O analista de inspiração winnicottiana ocuparia essa posição cuja base maternal seria capaz de oferecer uma interação capaz de acolher e responder ao sofrimento do analisando de modo a colocar-se como implicado na compreensão de um campo de mútuas afetações. Os afetos do analista são percebidos pelo analisando, que ressentiria qualquer retaliação ou indulgência de sua parte. O analista deve ser permeável ao seu próprio inconsciente para poder assumir o que for essencial de seus afetos na contratransferência. Para Montagna (2010):

Desde que a psicanálise assumiu a importância da contratransferência na compreensão dos fenômenos intra e interpessoais, a questão da neutralidade do analista foi colocada em dúvida de maneira contundente, ficando como um ideal que sabidamente não será alcançado (p. 131)⁵.

A mutualidade tratar-se-ia, portanto, de poder sintonizar com o analisando, de forma empática, revelando aspectos não ultrapassados da contratransferência e provendo pistas de caminhos a construir conjuntamente, sem se

3. Tradução google revisada do original: *The capacity for mutuality comes from good enough mothering, the experience from which the infant's self grows and is the basis for creative life. Here is another: the capacity for mutual concern is the first truly feminine quality*

4. Tradução google revisada do original: *La mutualidad es así un término utilizado por él para describir una relación recíproca entre dos personas, en ese caso, asimétrica.*

5. Tradução google revisada do original: *Luego que el psicoanálisis ha asumido la importancia de la contratransferencia en la comprensión de los fenómenos intra y interpersonales, la cuestión de la neutralidad del analista ha sido puesta en duda de manera contundente, quedando como un ideal que sabidamente no será logrado.*

alijar os afetos percebidos no encontro analítico. A eventual reação da mãe à agressividade infantil seria correlata à possibilidade de o analista assumir eventuais discrepâncias, discordâncias e incompatibilidades entre o que sente e o que é capaz de exprimir diante da figura do analisando. A mutualidade está ligada também aos silêncios e à integração de gestos que vão além do conteúdo de uma fala ou de sua versão interpretativa. Está menos relacionada aos aspectos intelectuais assimétricos do que com a possibilidade de perceber a presença do outro e de se produzir uma atmosfera de mútuo concernimento, em que certas vulnerabilidades do analista eventualmente seriam assumidas diante do paciente. Essa troca só é possível quando a criança do analista se comunica com a criança do analisando, conforme Ferenczi (1933/1990) indica da “análise de duas crianças”; algo que Winnicott e M. Balint (1968/1993) entenderam como a regressão benigna, cuja qualidade primordial seria a do brincar no *setting* ao ponto de se recriar um novo começo para as experiências vividas.

Para Montagna (2010): “(...) uma discussão sobre a mutualidade ou as mutualidades, remete aos mecanismos não verbais e não interpretativos do processo analítico” (p. 134)⁶, ou seja, uma comunicação silenciosa que inclui a cumplicidade afetiva mutuamente partilhada pela díade. Nesse sentido, por mais que seja dada uma assimetria entre o analista ocupando uma posição de “sujeito suposto saber”, ainda que haja a diferença estrutural na relação médico-paciente, na mutualidade essa rigidez seria quebrada, havendo pontos de encontro simétricos sobretudo no momento que o analista reconhece o trauma real vivenciado, colocando-se como testemunho de uma eventual injustiça vivida. Trata-se de construir a cada momento novas hipóteses, a partir de uma conexão inconsciente que vai se formando a partir da afetividade e da autenticidade da relação entre duas pessoas. Alguns pacientes, sobretudo os mais difíceis, chamam o analista a agir (MONTAGNA, 2010). Espera-se um gesto, uma palavra que permita a chave para uma saída a ser investida pelo paciente. Não se trata de uma atuação (MARODA, 1998a), mas de uma ação autêntica, com base em uma intervenção consciente do analista de modo a superar um impasse na sessão, possibilitando um enlace entre externo e interno e uma transformação da dupla, algo que ultrapassa o aparato de pensar, liberando da contratransferência.

Essa forma de ação na mutualidade só é possível a partir da saúde do analista, o que depende de quão longe se foi na própria análise (FERENCZI,

6. Tradução google revisada do original: (...) *una discusión sobre la mutualidad o las mutualidades, remite a los mecanismos no verbales y no interpretativos del proceso analítico*”.

1928/2011). Poder comunicar afetos, sintonias e impasses no encontro resulta da qualidade da análise do analista. Isso passa pela permeabilidade intuitiva de se agir aqui e agora, sendo responsável por cada gesto e cada palavra colocada, ciente de sua não neutralidade, atento para a reciprocidade daquilo que é sentido e expresso, cuidando para não se antecipar em interpretações intrusivas nem tampouco em se tardar à necessidade de comunicar um afeto ressentido e que carece de ser circunscrito e perlaborado como parte do jogo mútuo entre dois. Conforme Enid Balint (*apud* WOLF; ANTONIS, 2023; p. 159), na mutualidade cujo protótipo é a relação mãe-bebê, há duas pessoas se desenvolvendo conjuntamente. Wolf & Antonis (2023) sintetizam que:

Enid Balint nomeou e elaborou a centralidade da mutualidade e da preocupação mútua no desenvolvimento saudável, conceitos que unem os dois participantes. A mutualidade e a preocupação mútua colocam o bebê, juntamente com a mãe, no caminho da percepção imaginativa, o que, por sua vez, é essencial para uma vida imaginativa e criativa (p. 168-169)⁷.

A mutualidade na cena analítica seria, portanto essa reedição de uma relação materno-filial como matriz da possibilidade de imaginar e construir o mundo a partir de uma relação autêntica e de confiança com um outro significativo; um outro que está junto de modo a contribuir para que o sujeito encontre na realidade um suporte de verdade para seus anseios em seu desejo pela saúde.

O analista deixa de ocupar uma posição de autoridade, podendo oferecer, mas jamais forçar interpretações. Assim como Winnicott oferece a espátula para o bebê, que pode em seu tempo e conforme sua apropriação do objeto (ou fala oferecida pelo analista) criar uma significação para o que está sendo partilhado. Não é a inteligência do analista em oferecer boas interpretações o que amplia a atmosfera de *mutual concern*, mas a sua possibilidade de suportar o silêncio e só trazer sua percepção de forma cuidadosa, com tato e como uma eventual hipótese, jamais como uma verdade pronta sobre a subjetividade do analisando. Os efeitos de realidade devem ser construídos conjuntamente num verdadeiro “encontro de mentes”, conforme preconiza Aron (1996).

Slochower (2018) remete-nos ao importante trabalho de Winnicott (1947/2000) sobre *O ódio na contratransferência*, colocando por terra quais-

7. Tradução google revisada do original: *Enid Balint named and elaborated the centrality of mutuality and mutual concern in healthy development, her concepts that join the two participants together. Mutuality and mutual concern set the infant, with (m)other, on the path towards imaginative perception and that in turn is integral to having an imaginative and creative life.*

quer ambições de neutralidade dos analistas, sobretudo com pacientes psicóticos, que só seriam capazes de lidar com e ultrapassar o próprio ódio caso fossem confrontados com o ódio que são capazes de causar no analista. Este, por sua vez, deveria assumir conscientemente – mas não de forma retaliatória – esse afeto ressentido. Essa parece ser uma influência nítida da *análise mútua* de Ferenczi em Winnicott, cuja confiança no encontro analítico é restabelecida quando o analista pode reconhecer aquilo que o analisando causa em si.

Winnicott impulsionou a trajetória terapêutica na direção do diálogo intersubjetivo, sugerindo que a experiência do tratamento não é completa sem o engajamento mútuo. Às vezes, o paciente precisa que o analista seja “real”, aberto e emocionalmente direto, mesmo em relação ao seu ódio. De fato, a experiência do tratamento não estará completa até que isso aconteça (SLOCHOWER, 2018, p. 103)⁸.

A expressão da sinceridade e honestidade do analista, nas palavras de Ferenczi, se relaciona à ideia de Winnicott sobre a necessidade de o analista expressar sua raiva, porém não em uma atuação impensada (MARODA, 1998a), mas a partir do momento em que percebe que poderia estar reprimindo esse afeto indisfarçável de seu paciente, que precisaria de parâmetros de realidade para poder confiar naquilo que o outro lhe responde. Só seria possível a alguns pacientes perceber sua própria realidade a partir de um sincero *feedback* a respeito da posição que ocupa na relação, sobre que efeitos produz no outro, permitindo-lhe reelaborar e reconfigurar a própria ação. No protótipo da relação materna, a mãe interpõe um anteparo, algum obstáculo ou resistência à agressividade infantil, eventualmente expressando seu descontentamento, embora deva permanecer viva, jamais abandonando-o e sim sobrevivendo ao ataque do infante. Principalmente os pacientes *borderline*, psicóticos ou simplesmente “difíceis” precisariam reviver essa reciprocidade de afetos sem que a reação do analista seja escamoteada. Ele deve comunicar os sentimentos que o analisando provoca, sem retribuir de forma violenta, evidentemente, mantendo-se presente, sobrevivendo a eventuais ataques, permanecendo verdadeiro na relação interpessoal.

Para Slochower (2018), o analista deve transitar entre o infantil e o adulto, podendo perceber o bebê inerente ao paciente e também a criança em si, crian-

8. Tradução google revisada do original: *Winnicott pushed the therapeutic trajectory in the direction of intersubjective dialogue by suggesting that the treatment experience isn't complete without mutual engagement. The patient sometimes needs the analyst to be "real," open and emotionally direct, even about her hate. Indeed, the treatment experience won't be complete until this happens.*

do uma atmosfera de validação almejada junto à transicionalidade e ao paradoxo da ilusão presente no gesto criativo de seus pacientes. Os pacientes necessitam da regressão à dependência para poder reviver a experiência de mutualidade e criar fantasias rumo à reconstrução da subjetividade.

Diferentemente de uma pretensão de neutralidade implícita ao analista e em que o analisando seria o foco exclusivo da análise, o conceito de mutualidade aponta para a chamada *two person psychology*, pois ambos da dupla constroem ativamente o *setting*. Lewis Aron vai além dessa crítica e advoga por um arcabouço ampliado, incrementando a perspectiva tradicional que privilegia os aspectos intrapsíquicos do analisando. Em suas palavras: “Uma visão relacional, em contraste [à psicologia de uma pessoa], enfatiza que a mente em si mesma é um constructo relacional e pode ser estudado apenas no contexto de interação relacional com outras ‘mentes’” (ARON, 1996, p. 51)⁹. Assim, uma psicanálise relacional engloba desde a crítica à *one person psychology* até encampar diversas abordagens contemporâneas da psicanálise inglesa e americana.

Nesse sentido, o resultado de toda a interação no *setting* é uma construção conjunta que parte da integração de duas mentes, e que expande seu escopo concebendo as múltiplas relações que compõem o universo psíquico de cada sujeito. Não seria possível isolar totalmente nem o que o analisando nem o que o analista produzem durante e após o encontro sem se considerar uma imersão no universo da transicionalidade. Nesse sentido, a experiência do analisando acerca da subjetividade do analista faz emergir o campo da mutualidade em que há certa interseção entre os sentimentos e propósitos da dupla analítica. A interpretação, por sua vez, seria mais uma expressão da subjetividade do analista do que uma percepção profunda do que o analisando sofreu na realidade enquanto trauma. Aceder à verdadeira situação traumática necessita que o analista “sinta com” o analisando mais do que traduzir os ditos do analisando com base na experiência própria. É na construção conjunta da interpretação que pode ser possível reconhecer o sofrimento vivido e prover legitimidade àquilo que o paciente comunica e tenta ultrapassar de suas vivências traumáticas.

9. Tradução google revisada do original: *A relational view, by contrast, emphasizes that mind itself is a relational construct and can be studied only in the relational context of interaction with other 'minds.'*

Considerações Finais

A análise-mútua, por fim, ficou conhecida como o experimento mais ousado de Ferenczi deixando uma trilha de inspirações. A ambivalência na relação com Freud aponta dois modos de analisar, enfatizando o estilo de cada analista e a importância que cada um deu para a questão do término das análises (FERENCZI, 1928/2025; FREUD 1937/1996). As divergências entre os dois homens provocaram a gestação da análise mútua como importante disparador da transformação na posição do analista. A constatação de que a análise-mútua foi um experimento que não deve ser replicado não diminuiu o valor de suas descobertas, desdobradas no conceito de mutualidade, produzindo várias apropriações e ramificações em escolas analíticas como na teoria das relações objetais inglesa, nas teorias das relações interpessoais, da *self psychoanalysis*, da *two person psychology* e da psicanálise relacional (FRIEDMAN, 1985; ESPINOSA *et al.*, 2005; ARON, 1996). Assim, o conceito de mutualidade teve influência marcante tanto em autores clássicos como Michael Balint e Winnicott, quanto em contemporâneos como Thomas Ogden, Karen Maroda e Lewis Aron, bem como na criação e desenvolvimento da psicanálise interpessoal e relacional norte americana, campo que merece futuros estudos.

Abordamos aqui o desdobramento mais direto da influência ferencziana na noção de mutualidade em Winnicott, bem como apontamos para a importância da mutualidade como uma forma de reciprocidade e reconhecimento em Lewis Aron. Não pretendemos esgotar o tema neste breve texto, mas apenas apontar para a importância da mutualidade enquanto importante *práxis* em construção na psicanálise contemporânea.

Referências

ARON, L. *A meeting of minds: mutuality in psychoanalysis*. Hillsdale/London: Analytic Press, Inc., 1996.

_____. “Yours, Thirsty for Honesty, Ferenczi”: Some Background to Sándor Ferenczi’s Pursuit of Mutuality. *American Journal of Psychoanalysis*, 58, p. 5-20, 1998.

ARON, L.; HARRIS, A. Sándor Ferenczi: Discovery and Rediscovery. *Psychoanalytical Perspectives*, (7)(1), p. 5-42, 2010.

ARREGUY, M. E. La última clínica de Lacan es la primeira clínica del Real? In: *Existe la última clínica de Lacan?* Metepec, Estado do México: Casa Alef Editorial, v. 1, p. 33-36, 2021.

BALINT, M. (1967). “Introdução. As experiências técnicas de Sándor Ferenczi: perspectivas para uma evolução futura”. In: *Ferenczi, S. Obras Completas – Psicanálise IV*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. (1968). *A falha básica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BERMAN, E. Mutuality and intersubjectivity in the therapeutic encounter: The historical background of relational psychoanalysis. *Sihot/Dialogue: Israel Journal of Psychotherapy*, 11(3), 172-182, 1997.

BRENNAN, B. William. (2015). Ouch of the archive/unto the couch. Clara Thompson’s analysis with Ferenczi. In: *The legacy of Sándor Ferenczi: from ghost to ancestor*. London / New York: Routledge.

CAMARA, L.; HERZOG, R. Ferenczi e a mutualidade expressiva. *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p. 186-207, jun/2023.

COELHO JÚNIOR, N. E. Ferenczi e a experiência da *Einfühlung*. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jan. 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982004000100005>>.

DUPONT, J. “Prefácio” In: FERENCZI, S. (1933). *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ESPINOSA, S. *et al.* Procesos de mutualidad y reconocimiento. Un nuevo contexto para la reconsideración de la transferencia. *Intersubjetivo*, n. 2, v. 7, p. 180-194, Diciembre 2005.

FERENCZI, S. (1921). Prolongamentos da técnica ativa em psicanálise. *Obras Completas – Psicanálise III*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. (1926). Contraindicações da técnica ativa. *Obras Completas – Psicanálise III*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. (1928). A elasticidade da técnica psicanalítica. *Obras Completas – Psicanálise IV*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. (1928). *O problema do término das análises*. Porto Alegre: Artes e Ecos, 2025.

_____. (1930). Princípio de relaxamento e neocatarse. *Obras Completas – Psicanálise IV*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. (1931). Análises de crianças com adultos. *Obras Completas – Psicanálise IV*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. (1932). *Confusão de linguagens entre o adulto e a criança. A linguagem da ternura e a linguagem da paixão*. Porto Alegre: Artes e ecos, 2025.

_____. (1933). *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FORTUNE, C. "Mutual Analysis: A Logical Outcome of Sandor Ferenczi's Experiments in Psychoanalysis". In: RUDNYTSKY, P. L.; BÓKAI, A.; GIAMPIERI-DEUTSCH, P. (Orgs.). *Ferenczi's Turn in Psychoanalysis*. NY/London: New York University Press, 1996. p. 170-188.

FREUD, S. (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, 12).

_____. (1918). *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (ESB, 17).

_____. (1937). *Análise terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (ESB, 23).

FRIEDMAN, M. Healing through meeting and the problematic of mutuality. *Journal of Humanistic Psychology*, 25(1), p. 7-40, 1985. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0022167885251002>>.

HADAR, U. The evolution of mutuality in the resolution of transference. *The American Journal of Psychoanalysis*, 58(4), p. 391-404, 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.1023/A:1021447928860>>.

HAYNAL, A. "Freud and His Intellectual Environment: The Case of Sandor Ferenczi". In: RUDNYTSKY, P. L.; BÓKAI, A.; GIAMPIERI-DEUTSCH, P. (Orgs.). *Ferenczi's Turn in Psychoanalysis*. New York and London: New York University Press, 1996. p. 25-40.

_____. Trauma Revisited: Ferenczi and Modern Psychoanalysis. *Psychoanal. Inq.*, (34)(2), p. 98-111, 2014.

_____. Mutuality. *American Journal of Psychoanalysis*, 78, p. 342-349, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1057/s11231-018-9158-1>>.

HIRSCH, I. Reflections on Ferenczi, Analytic Subjectivity, and Analytic Hierarchy. *Contemp. Psychoanal.*, (52)(3), p. 383-390, 2016.

HOFFER, A. Asymmetry and mutuality in the analytic relationship: Contemporary lessons from the Freud-Ferenczi dialogue. In: RUDNYTSKY, P. L.; BÓKAY, A.; GIAMPIERI-DEUTSCH, P. (Eds.), *Ferenczi's turn in psychoanalysis*. NY/London: New York University Press, 1996. p. 107-119.

LAOR, I. M. A. Hope and Dread in Mutuality and Asymmetry Regarding the Analytic Setting: Reply to Commentaries. *Psychoanalytic Dialogues*, 18:2, p. 258-261, 2008.

- KATZ, C. S. A análise mútua em Ferenczi: indicações. *Percurso*, São Paulo, n.10/1, 1993.
- KUPERMANN, D. *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni, 2022.
- LACAN, J. (1964). “Do sujeito suposto saber, da Díade primeira, do Bem”. In: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. O Seminário – Livro 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LESCOVAR, G. Z. *Revisitando a clínica psicanalítica de Sándor Ferenczi (1873-1933): através do vértice da comunicação*. Tese de Doutorado (orient. Gilberto Safra). Universidade de São Paulo, 2008.
- MARODA, K. J. Why Mutual Analysis Failed: The Case of Ferenczi and Rn. *Contemp. Psychoanal.*, (34)(1), p. 115-132, 1998.
- _____. Enactment: When the patient’s and analyst’s pasts converge. *Psychoanalytic Psychology*, v. 15(4), p. 517-535, 1998a. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/0736-9735.15.4.517>>.
- MENEZES, L. C. Algumas reflexões a partir de uma situação de análise mútua. *Revista Percurso*, n. 10/1, 1993.
- MONTAGNA, P. Las mutualidades. *Revista Chilena de Psicoanálisis*, v. 27 (2), p. 129-138, 2010.
- MONTCLOS, V. de. *Seu paciente favorito: 17 histórias extraordinárias de psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- OGDEN, T. H. (1994). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- OLIVEIRA, L. R. P. de. *O sentido da amizade em Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Uapê, 2012.
- PEÑA, S. Naturalidade, mutualidade e o tânatos terapêutico. *Revista Percurso*, n. 17, 2, 1996.
- PIZZINGA, V. H.; ARÁN, M. Afeto, intensidade e confiança na experiência Analítica: algumas considerações sobre a heterodoxia clínica de S. Ferenczi. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. XII n. 2, p. 319-332, jul/dez, 2009.
- RAGEN, T.; ARON, L. (1993). Abandoned workings: Ferenczi’s mutual analysis. In: ARON, L.; HARRIS, A. (Eds.). *The legacy of Sándor Ferenczi*. Hillsdale, N. J.: The Analytic Press, p. 217-226, 2015.
- REIS, E. S. Mutualidade, experimentação e prudência. *Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 38(1e2), p. 29-40, 2023.
- RUDNYTSKY, P. L. The other side of history: Severn on Ferenczi and mutual analysis. In: *The legacy of Sándor Ferenczi: from ghost to ancestor*. London / New York: Routledge, 2015.

_____. *Mutual analysis*: Ferenczi, Severn and the origins of trauma theory. London/ New York: Routledge, 2022.

SLOCHOWER, J. D. W. *Winnicott: Holding, playing and moving toward mutuality*. Introduction to contemporary psychoanalysis. London and New York: Routledge, 2018. p. 97-118.

WINNICOTT, D. W. (1947). O ódio na contratransferência. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Parte III, c. XV, p.277-287. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. (1969). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: WINNICOTT; SHEPHARD; DAVIS (Eds.). *Explorações psicanalíticas*, V.I. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WOLF, E.; ANTONIS, B. Enid Balint's imaginative perception. The creation of mutuality in the consulting room. In: *Independent Women in British Psychoanalysis*. New York: Routledge, 2023.

Tramitação

Recebido 27/11/2025

Aprovado 07/05/2026